



## Rafael Chirbes: como ler a Guerra Civil Espanhola?

Valeria De Marco (USP)

Nos meios de comunicação de massa ou nos eventos acadêmicos, uma pauta constante neste ano é a Guerra Civil Espanhola, pois a historiografia nos faz remeter ao passado como tempo que se mede em década, século ou suas frações. Há muito se deixou de usar nesses momentos a palavra comemorar, certamente porque atualmente seu significado se cristalizou no contexto do espetáculo. Perdeuse o sentido solidário encravado na etimologia do vocábulo. Do latim, commemorare é recordar com; ação compartilhada; compartilhar memórias no presente. Relacionarse atualmente com os discursos sobre a Guerra da Espanha exige distinguir as zonas em que são produzidos e compreender em que campo de significação eles se inscrevem. Afinal, além de ser ela objeto de uma das mais intensas produções bibliográficas do século XX, nas décadas posteriores à morte do general Franco, a indústria editorial espanhola soube explorar o tema e nutriu o mercado com critérios inerentes à sua lógica. Poucos são os escritores cujas obras se colocam à margem dos hábitos de consumo e entre eles se encontra Rafael Chirbes. Em sua produção ensaística e ficcional manteve seu compromisso ético na defesa do direito a conhecer o passado, não como tempo finito, mas como raiz do presente. Seus romances exigentes desentranham lapsos de vivências da guerra na representação das tensões sociais da Espanha contemporânea, como examinaremos em *Los viejos amigos*, *Crematorio* y *En la orilla*.

